

O CONTATO COM OS ÍNDIOS ARARAS DO NORTE - PENETECAL.

JANEIRO, 03 DE 1983 .

A idéia de levarmos os índios Arara do Sul (PV I) até ao Penetecal, para tentar o contato com os índios Arara do Norte, frutificou. Aos 29 de dezembro de 1982, nos deslocamos até ao Posto de Vigilância I para buscar os índios que nos acompanhariam até o Penetecal. Dia 30 de Dezembro estávamos no Penetecal: Pedro TióTió, índio Wai-Wai, que serve na Frente de Atração Arara, os índios Araras Aktô (Manpuhá), Mutatá, Pakaraywá, Uagah, Timim e eu.

Dia 30 de Dezembro, nos deslocamos do acampamento Penetecal até ao tapiri de brindes, onde desde que montamos nosso acampamento para a atração (maio/1980), era hábito dos índios pegarem presentes. Os araras que nos acompanhavam verificaram pegadas e em volta do tapiri e, adiante, uma picada que os índios do Penetecal usavam para chegar até ao tapiri de brindes. Ao verificarmos que os presentes que os servidores da Frente haviam deixado lá na semana anterior ainda não haviam sido levados, resolvemos retornar ao acampamento para depois de uns 3 dias novamente voltamos. Timim tomou o cuidado de deixar juntamente com os brindes que havíamos levado, dois bicos de flechas que ele confeccionou lá mesmo.

Dia 3 Janeiro de 1983, fomos novamente ao tapiri

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

de brindes . Desta vez, levamos nossos pedes e um pouco de farinha , pois podia acontecer de sermos obrigados a dormir fora do acampamento. Na ocasião , estávamos apenas de calção e todos pintados de geni-papo, à maneira dos índios Arara. Quando chegamos ao tapiri dos brindes , verificamos que todos os presentes que havíamos deixado lá não mais estavam. Os índios que nos acompanhavam ficaram animados com o fato. Verificamos alguns rastos em volta do tapiri de brindes , e , em seguida, procuramos seguir as pegadas deixadas pelos índios que tinham estado no tapiri.

Durante a caminhada, encontramos tocaias para caça, enviras retiradas de árvores, cortes em árvores etc. Isto demonstrava que o caminho por nós percorrido estava sendo usado pelos índios. Algumas vezes os vestígios desapareciam , nos obrigando conseqüentemente a procurar sinais que nos levassem a retomar a picada. Senti que o clima de suspense, entre nós aumentava, pois no mínimo achávamos que encontraríamos uma roça ou uma aldeia. Após aproximadamente três horas de caminhada , na beira de um igarapé , encontramos sinais recentes de horas atrás que denunciavam a passagem de pessoas pelo local - pegadas na beira do igarapé- . Andamos mais uns cinco minutos e ouvimos vozes de pessoas que conversavam . Então, o índio mais velho que nos acompanhava , fez sinal para que eu , Pedro Wai-Wai e Mutatá aguardássemos , enquanto ele, e os demais índios , retiraram os calções e se aproximaram das pessoas que ouvíamos conversando.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

"Tio Timim" (ou seu Timim) - Ouvi quando Timim gritou seu nome e disse mais alguma coisa que não entendi. Ouvi muita conversa e choros. Mutatá, o índio que permaneceu comigo e o Pedro Wai-Wai, não cabia dentro de si, Gesticulava, mimicava, não sabia se permanecia conosco ou se, se ajuntava ao Timim, Aktô, Pakaraywa e Uacah. Ficamos com o coração acelerado, e de lágrimas nos olhos ante a angústia emanada das vozes que chegavam aos nossos ouvidos. Passados alguns instantes nos chamaram. Aproximamos e então verificamos tratar-se de um grupo de índios, compostos por duas mulheres adultas, duas crianças de colo e um menino de uns 10 anos aproximadamente, mais tarde identificadas como: Tionim de aproximadamente uns 50 anos, Campou de uns 23 anos, Glão-Glão menos de um ano, Marabiá de uns 5 anos e Mongom de uns 10 anos. As mulheres trêmulas, com muita dificuldade, mal conseguiam articular uma conversação com Timim e os demais rapazes. As crianças, aos prantos, procuravam abrigo entre os braços das duas mulheres. Nos confessaram mais tarde que julgaram ser aqueles, os últimos instantes de suas vidas. Aos poucos, o clima ficava menos tenso, enquanto Timim discorria sobre seu parentesco com os índios do Fene-tecal.

Depois de muita conversa fomos convidados a seguir -los até suas aldeias. Antes de chegarmos à aldeia passamos por uma roça pequena já quase acabada que possuía não mais de uns 2500m<sup>2</sup>, alguns pés de mamão, banana e a mandioca já estava no fim. Não andamos mais que uns 45 minutos para chegarmos à aldeia. Eram duas casas baixas, feitas sob as árvores. Permanecemos fora da casa. Os índi-

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

os que nos acompanhavam conversaram um bom pedaço com as mulheres que havíamos encontrado, até que ouvíssemos a voz de um homem vindo de dentro de uma das casas. Passados alguns instantes saiu um índio velho, de idade superior a 60 anos, que iniciou a conversa com Timim e os outros índios do PV I. Eu e Pedro Wai-Wai só fomos incluídos na conversação muito tempo depois. Aos poucos as pessoas que estavam dentro das duas casas saíram para fora. Verificamos então que o grupo era composto por 13 pessoas, de homem adulto só era o velho-Igopti, o restante eram mulheres adultas (4) e crianças (8). Permanecemos pouco tempo na aldeia. Timim encarregou Aktõ de retornar comigo e Pedro Wai-Wai até o acampamento Penetecal, ficando com os índios recém-contatados Timim, Uacah, Mutatã e Pakaraywa (já por nós conhecidos do PV I). Ficaram de dois dias depois nos visitar pela primeira vez em nosso acampamento, quando então levariam um outro grupo de índios que encontravam-se caçando.

Durante o tempo em que convivemos com os índios Araras do sul (PV I) nesta aproximação com os índios do Norte, enriquecemos mais o nosso conhecimento a respeito da Nação Arara. Timim recordou do tempo que acompanhado de seu pai andou pela região do Penetecal em busca de mel e aramicõ (bebida feita de injá). Ficamos sabendo que Pamgri, mulher de Timim, é filha de um índio Arara já falecido, pertencente ao grupo do norte. Observamos constantes referências envolvendo nomes dos índios, tanto do norte, quanto do sul. Não sabemos precisar o que provocou o cisma entre os dois grupos, se hou-

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ve alguma desavença entre os índios ou se o processo de colonização e a construção da Transamazônica foram responsáveis pela separação do Povo Arara. De uma coisa temos certeza: ambos os grupos são pacientes de um processo de extermínio provocado pela nossa sociedade, seja esta ação consciente ou não, em busca do "desenvolvimento".

Aos 21 de janeiro de 1983, nos foi possível conhecer o restante do grupo Arara recém-contactado; 7 pessoas- 3 homens adultos, uma mulher e 3 crianças, sendo uma menina e um menino de idade variando entre 7 a 9 anos e um recém-nascido do sexo feminino. Ficou assim constatado que o grupo de índios Arara, no momento do contato era formado por uma população de 20 pessoas.

Hoje, dia 19 de setembro de 1983, a população Arara, ao norte da Rodovia Transamazônica conta com o número de 21 pessoas. Quando do contato, havia uma índia gestante, que deu a luz uma criança do sexo masculino, dia 17/4/1983.

Se a história tem nos mostrado que o contato com grupos tribais acarretam em depauperamento físico, em decorrência de doenças adquiridas, mudança de hábitos alimentares etc., os índios Arara do Norte são uma das poucas exceções. Perseguidos, sofrendo as consequências do processo de colonização na área de influência da Rodovia Transamazônica, eram obrigados a constantes deslocamentos em busca de refúgio, sem tempo disponível para construir roças, culti

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

varem suas tradições etc. Hoje os vemos mais saudáveis do que quando os encontramos. Em seus vocabulários, deixaram de exprimir palavras como fome e medo de "carey" (não índios).

Altamira, 19 de setembro 1983

FRENTE DE ATRAÇÃO ARARA.

*Wellington Gomes Figuered*  
Wellington Gomes Figuered  
Chefe de Frente de Atração Arara  
FUNAI